

Um lar para quem não tem casa: considerações sobre a primeira carta de Pedro no contexto da mobilidade humana

*Alfredo José Gonçalves, Cs**

1 INTRODUÇÃO

Um lar para quem não tem casa é o título conferido pelo comentário da Edição Pastoral da Bíblia, Paulus, à primeira carta de Pedro (1Pd). Segundo ele, a carta foi escrita “aos que vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (BÍBLIA, 1Pd, 1,1). É também o título do estudo clássico de John. H. Elliott (1985). Perguntemos, de início, quem é o autor da carta, quando foi escrita e quem são seus destinatários?

Conforme os estudiosos e biblistas, não se trata de uma carta do apóstolo Pedro, mas de uma homenagem que o autor faz à sua figura. Diz Paulo Nogueira (2002) que no mundo antigo era bastante comum um autor se apoiar no nome de uma grande personalidade do passado. O autor desconhecido fazia isso para buscar aceitação para o seu escrito e para mostrar sua ligação com esse mestre. Esse tipo de autoria se chama *autoria pseudônima*.

A carta foi escrita por volta do ano 100 de nossa era, e dirigida aos “estrangeiros” que viviam nas comunidades da Ásia Menor, com a finalidade de prepará-los para um período de grandes provações e de perseguição. Sua mensagem procura reforçar uma espiritualidade de resistência entre os cristãos.

Voltando ao comentário da Edição Pastoral da Bíblia, vejamos como são definidos os destinatários da carta:

são migrantes que vivem fora da pátria, seja porque partiram em busca de trabalho para sobreviverem seja porque eram escravos comprados que permaneciam na casa de seus senhores, longe do local de origem. Esses cristãos tinham deixado suas raízes, os parentes e amigos e se encontravam em situação de isolamento em regiões que não lhes davam o aconcho e acolhida que tinham na

* Missionário Scalabrinianos, Vice-presidente do SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes

própria terra. Sofriam humilhações, injúrias, perseguições por serem escravos e cristãos (BÍBLIA, 1º Pedro, Introdução do comentarista).

Como é fácil perceber, as características descritas nos parágrafos anteriores coincidem, em grande parte, com a situação concreta dos migrantes nos dias de hoje: a perda das raízes e das referências, a luta pela sobrevivência e por melhores condições de vida, a insegurança longe da própria terra e da pátria, os problemas enfrentados no dia a dia, o preconceito e discriminação de que são alvos fáceis.

Em razão disso, escolhemos a primeira carta de Pedro para estudo. Esta carta nos fornece uma chave de leitura para entender a realidade atual das migrações e também nos aponta algumas pistas para a atuação pastoral.

2 SEM RAÍZES, SEM PÁTRIA E SEM TETO

Duas observações da primeira carta de Pedro ajudam a identificar, com maior precisão, a realidade concreta de seus destinatários. Antes de mais nada, logo na abertura, a carta vai dirigida aos “estrangeiros dispersos” nas comunidades da Ásia Menor (BÍBLIA, 1º Pedro, Introdução do comentarista). A condição de *estrangeiros* tem implicações diretas para o *status* de cidadania. Hoje, mais do que nunca, sabemos o que isso significa. A falta de documentos, a situação irregular e a clandestinidade acarretam as piores consequências aos migrantes que enfrentam a luta pela sobrevivência. O fato de não serem considerados cidadãos fecha muitas portas.

Longe da própria terra, sem raízes, os migrantes acabam por cair na pobreza. O círculo vicioso é implacável: o fato de viverem sem documentos impossibilita a inserção na sociedade. Ficando do lado de fora, não há como arrumar trabalho. O resultado é o agravamento da pobreza que, por sua vez, os afasta cada vez mais de uma situação regular, reforçando a condição de estranhos. Em poucas palavras, ilegalidade, falta de cidadania digna e miséria constituem realidades convergentes. Em razão disso, sobram para os migrantes os serviços mais degradantes e mal remunerados.

Daí a sugestão do apóstolo: “Vocês chamam de Pai àquele que não faz distinção entre pessoas, mas que julga cada um segundo as próprias obras. Portanto, comportem-se com temor durante esse tempo em que se acham fora da pátria” (BÍBLIA, 1º Pedro, 1, 17). O temor de Deus, entendido como confiança em Sua justiça e igualdade, deverá servir de consolo para os que perderam as raízes e referências. Consolo que, como veremos adiante, não se limita a cruzar os braços, mas que representa uma espécie de trampolim para a resistência e para o enfrentamento dos problemas vividos.

A segunda observação sobre a realidade dos destinatários da Carta refere-se ao binômio “peregrinos e forasteiros” (BÍBLIA, 1º Pedro, 2, 11). Seguindo a interpretação de Paulo Nogueira (2002), a palavra “peregrinos” – em grego:

paroikoi – pode ser literalmente traduzida como estrangeiros residentes, e a palavra “forasteiros” – em grego: *parepidemoi* – identifica os estrangeiros que nem sequer tinham o direito de permanência no país. Eram, portanto, estranhos – em grego: *xenoi* – e por isso sem qualquer direito.

A eles o apóstolo dirige as seguintes palavras:

Amados, vocês são peregrinos e forasteiros. Por isso, recomendo que fiquem longe dos desejos baixos que provocam guerra contra vocês. Comportem-se de modo exemplar entre os pagãos, a fim de que eles, mesmo falando mal de vocês como se fossem malfeitores, ao verem as boas obras que vocês fazem, glorifiquem a Deus no dia do julgamento (BIBLIA, 1º Pedro, 1990, 2,11-12).

A impressão é que os estrangeiros eram vistos como espécies de *bodes expiatórios*, “malfeitores” acusados de qualquer desordem social ou política que pudesse ocorrer. Era fácil jogar a culpa dos distúrbios sobre um grupo já de si hostilizado por todos. Mas a situação tornava-se pior ainda se este grupo usasse os “desejos baixos” contra seus próprios membros. Por isso a recomendação ao bom comportamento como forma de proteção ou, pelo menos, como estratégia de não agravar a perseguição que pesava sobre eles.

Convém não esquecer, ainda, que o conceito de estrangeiros sobre a terra nos remete à teologia do êxodo que transparece nos escritos do Antigo e do Novo Testamentos. O Povo de Israel como povo peregrino a caminho da Terra Prometida ou do Reino de Deus. Cabe aqui uma lembrança à sabedoria da transitoriedade, como mística de um povo que faz de cada chegada uma nova partida. Os pés dos caminhantes aprendem uma lição de profunda espiritualidade: o caminho depura a bagagem e depura a alma. Leva a ater-se apenas ao essencial, a livrar-se de pesos inúteis, para que a caminhada se torne mais leve.

3 ESTRANGEIROS, DIFERENTES E PERSEGUIDOS

Paulo Nogueira (2002) identifica três tipos de perseguição no Novo Testamento: a) as forças do Império Romano, como agentes diretos da perseguição; b) os judeus, especialmente suas lideranças e grupos, provocadores de perseguição desde as origens do cristianismo; c) os vizinhos e a população local, como ameaça e discriminação constantes às minorias do Império Romano. Claro que os estrangeiros figuravam entre os mais visados de tais minorias indesejadas.

São várias as referências da Carta às perseguições sofridas, “enquanto estrangeiros e cristãos”. O apóstolo refere-se também à extensão das perseguições sobre os cristãos de outras localidades. Vale a pena tomar nas mãos o texto e

conferir alguns exemplos. “E quem lhes fará mal, se vocês se empenham em fazer o bem? Se sofrem por causa da justiça, felizes de vocês! Não tenham medo deles, nem fiquem assustados. Ao contrário, reconheçam de coração o Cristo como Senhor” (BÍBLIA, 1º Pedro, 3, 13-15).

“Assim, quando vocês forem difamados em alguma coisa, aqueles que criticam o bom comportamento que vocês têm em Cristo ficarão confundidos. Pois, se é da vontade de Deus que vocês sofram, é melhor que seja por praticarem o bem, e não o mal” (BÍBLIA, 1º Pedro, 3, 16-17).

“Amados, não fiquem alarmados com o incêndio que se espalha entre vocês para prová-los, como se estivesse acontecendo algo estranho no meio de vocês” (BÍBLIA, 1º Pedro, 4, 12).

“Que ninguém de vocês sofra por ser assassino ou ladrão, malfeitor ou delator. Todavia, se alguém sofre como cristão, não se sinta envergonhado; ao contrário, glorifique a Deus por levar o nome de cristão” (BÍBLIA, 1º Pedro, 4, 15-16).

Por trás dessas palavras, transparecem calúnias, difamações, insultos, ameaças, críticas... enfim, um clima de tensão, discriminação e perseguição. Os romanos, os judeus e os vizinhos mantinham os cristãos estrangeiros sob suspeita constante. As hostilidades e os conflitos multiplicavam-se no cristianismo primitivo, como atestam estudos de Elliott (1985); Nogueira, (2002), referentes ao contexto sociológico das cartas de Paulo e dos Atos dos Apóstolos. Sobre os cristãos e sobre os estrangeiros recaía a culpa de numerosos males e discórdias sociais. São conhecidas de todos as históricas perseguições dos soldados romanos, notadamente sob as ordens do imperador Nero.

À primeira vista, as recomendações do apóstolo parecem ambíguas, no sentido de levar ao conformismo e à passividade. Mas, no ambiente de perseguição em que as comunidades viviam, a Carta se propõe, antes de mais nada, evitar maiores tempestades sobre os estrangeiros. Sendo estes as vítimas prediletas das hostilidades, o apóstolo preocupa-se com uma estratégia de sobrevivência que os faça suportar o “mau tempo”. Em circunstâncias mais favoráveis, quem sabe, a estratégia poderia ser diferente. No momento, como logo veremos, resta pouco mais a fazer do que manter a fé e a esperança como fermento de resistência e de união.

A mesma condição de *bodes expiatórios* sofrem, atualmente, muitos migrantes, não apenas nos países centrais, mas também nos países periféricos e em todo o mundo. Se em tempos passados a sociedade estigmatizou e perseguiu as feiticeiras, as bruxas e os loucos, atualmente os migrantes se veem discriminados em várias partes do planeta. Num contexto internacional de globalização e de crise, *o outro, estrangeiro e diferente* converte-se em inimigo. A lógica neoliberal, por sua vez, favorece essa luta de todos contra todos, ao levar ao extremo a concorrência e a competição. O mercado global derruba todas as fronteiras para o capital, mas levanta novos muros, visíveis e invisíveis, para a circulação de pessoas.

Um dos resultados mais perversos dessa *seleção natural* na economia globalizada é a crescente criminalização dos imigrantes, seja como trabalhadores em disputa pelas poucas migalhas laborais seja como cidadãos de direitos. Como residentes ilegais, tornam-se os alvos mais visados pela recente onda de combate ao terrorismo e ao narcotráfico, para citar apenas esses dois exemplos. Daí ao preconceito, à discriminação e à perseguição aberta, basta um passo. Isso explica os recentes movimentos xenófobos em alguns países da Europa, mas também em cidades como São Paulo.

4 A FORÇA DA UNIÃO E DA HOSPITALIDADE

Neste item transcrevemos citações de Paulo Augusto de Souza Nogueira (2002), retiradas do livro *As Cartas de Pedro, o evangelho dos sem-teto*, da série “Como ler a Bíblia”.

Mas, como fica a situação *durante a luta*, enquanto a libertação não vem? Como eles poderiam suportar sua situação de estrangeiros sem direitos, de cristãos caluniados e de pessoas que sofriam injustamente? Qual será a articulação que a primeira carta de Pedro oferece a seus leitores para que possam celebrar no dia a dia? (NOGUEIRA, 2002, s/p.).

Estrangeiros e peregrinos têm em comum o fato de serem pessoas sem-teto, sem-terra. Trabalham em terra que não lhes pertence, vivem em barracas de outros. Pagam tributos num país que não lhes dá direitos. Podemos definir as comunidades de 1Pd como comunidade de gente sem casa (NOGUEIRA, 2002, s/p.).

Não só o espaço físico da casa, como também o *espaço afetivo da família* era muito importante para esses estrangeiros. No mundo antigo, e de certa forma hoje também, pertencer a uma casa era fundamental para uma pessoa. Era na casa que se dava a identificação da pessoa na sociedade. Ali ela se sentia segura e abrigada. A casa era também o lugar de *sobrevivência econômica*. Provavelmente a situação de imigração, migração e peregrinação tivesse desunido, separado e distanciado pessoas queridas, o que tornaria ainda maior a necessidade de uma casa/família (NOGUEIRA, 2002, s/p.).

“A primeira carta de Pedro oferece a esses desabrigados, de fato e de direito, uma casa, um abrigo, um referencial, um lugar onde se sentir em família, entre irmãos. Essa casa é a comunidade” (NOGUEIRA, 2002, s/p.).

Em primeiro lugar, a carta descrê Deus como o Pai desses estrangeiros. Eles são ‘filhos obedientes’ e ‘*chamam de Pai àquele que não faz distinção entre as pessoas*’ (BÍBLIA, 1º Pedro, 1, 14-17). O nascimento natural (livre ou escravo, cidadão ou não-cidadão) não vale mais, pois eles ‘*nasceram de novo, não de uma semente mortal, mas imortal, por meio da Palavra de Deus...*’ (BÍBLIA, 1º Pedro, 1, 23). Nascer de ‘semente mortal’, de origem nobre ou elevação de *status* social, através da compra de direitos, não lhes interessava. Eles questionavam o poder que o dinheiro tem de coisificar as pessoas e de comprá-las. Eles se tornaram agora filhos de Deus e irmãos uns dos outros. Na primeira carta de Pedro, as coisas ‘corruptíveis’ são ‘prata e ouro’ (BÍBLIA, 1º Pedro, 1, 7). Não é dessas coisas que provém sua nova identidade, mas de Deus (NOGUEIRA, 2002, s/p.).

Todos esses cristãos são “pedras vivas” com as quais é edificada a “casa espiritual” (BÍBLIA, 1º Pedro, 2, 5). Como havíamos visto antes, o julgamento inicia-se primeiro com a “casa de Deus” (BÍBLIA, 1º Pedro, 4, 17), ou seja, com a comunidade.

“Eis o milagre que o Evangelho realizou na vida deles. Pessoas que não têm casa e abrigo são abrigadas na ‘casa de Deus’” (NOGUEIRA, 2002, s/p.). Os que não têm nascimento que lhes dê direitos de cidadão, chamam a Deus de Pai. Os que, por serem ‘desprezáveis’, estrangeiros e peregrinos, não podem ser chamados de povo, tornan-se, através do Evangelho, ‘povo de Deus’ (BÍBLIA, 1º Pedro, 2, 20).

A comunidade era a ‘casa de Deus’, lugar de refúgio e de resistência. De *refúgio*, porque se sentiam seguros e ‘aquecidos’ ali, porque na ‘casa de Deus’ compartilhavam do amor e amizade de seus ‘irmãos e irmãs’. De *resistência*, porque os valores ‘corruptíveis’ não regiam mais as relações entre eles. Os critérios de libertação e emancipação que a sociedade lhes ‘oferecia’ eram rejeitados, porque não existiam para toda a comunidade, e sim, no máximo, para alguns indivíduos. Dependia mais da sorte ou do favor, do que de direito adquirido. A comunidade era lugar de resistência porque através do sofrimento injusto, suportado em comunidade, eles denunciavam as injustiças da sociedade, como o próprio Cristo no seu corpo... A carta articula uma práxis que corresponde às necessidades do grupo: transformar a comunidade em uma casa/família para os despossuídos (NOGUEIRA, 2002, s/p.).

As observações de Paulo Nogueira (2002) à primeira carta de Pedro nos levam a perguntar até que ponto nossas comunidades, hoje, são efetivamente um referencial de resistência e luta para os que sofrem a exclusão social. Os

excluídos veem nelas um refúgio, um abrigo, um lugar de encontro? A mesma questão poderia ser dirigida à própria Pastoral dos Migrantes: em que medida esta pastoral constitui um verdadeiro ponto de referência para os sem raiz e sem pátria, sem-terra e sem rumo? Onde a enorme e crescente multidão dos “sem” encontra hoje refúgio e proteção?

5 A CASA/FAMÍLIA COMO REFERENCIAL DE SEGURANÇA

Em outra etapa de nosso estudo já nos referimos à simbologia da casa para a Pastoral dos Migrantes. Dizíamos que a casa é a “roupa da família”. Todo grupo que se ama – em especial a família – tem seus segredos e seus mistérios. Desenvolve uma intimidade única e inviolável. Para protegê-la dos olhares estranhos, faz-se necessário um abrigo, um lar, revestido de paredes, cortinas, janelas e teto. A nudez requer a proteção do amor e do carinho, e estes, o abrigo de uma casa. Uma família sem casa é como um corpo sem roupa, exposto à curiosidade e à devastação dos transeuntes desconhecidos. Nada é mais corrosivo à intimidade do que escancará-la em praça pública. Como manter a dignidade humana em tais condições? A casa é o refúgio onde o amor pode criar raízes e se fortalecer.

Estudando as origens sociais do cristianismo primitivo, Ekkehard W. Stegemann e Wolfgang Stegemann (2001) chamam a atenção para a importância da instituição casa/família no nascimento e na consolidação das comunidades cristãs. Seus comentários referem-se ao contexto social dos Atos dos Apóstolos e das cartas paulinas, mas, guardadas as diferenças, podem estender-se para o universo das cartas de Pedro.

Afirmam esses autores que “a casa, a unidade sócio-econômica fundamental das sociedades antigas, tem uma importância fundamental tanto no contexto social das comunidades cristãs primitivas como no vocabulário neotestamentário”. Segundo eles,

às metáforas da casa e da família correspondem também as exortações éticas do amor ao próximo e do amor fraterno. Estas inspiram-se, a seu modo, em antigas normas de reciprocidade, em que o amor fraterno representa um comportamento solidário no seio da família nuclear ou da parentela, e o amor ao próximo a reciprocidade equilibrada entre vizinhos e amigos... Também a hospitalidade é uma forma de solidariedade no contexto da reciprocidade equilibrada (STEGEMANN/ STEGEMANN, 2001, p. 314).

Ainda de acordo com os Stegemann,

os que acreditavam em Cristo, comprometidos com a missão, encontravam nas casas dos companheiros de fé, hospitalidade e, em caso necessário, também

apoio econômico. As relações sociais entre os mesmos inspiravam-se na antiga solidariedade de vizinhança e de família. Assim, podemos afirmar com tranquilidade que as comunidades cristãs, para a concepção que tinham de si mesmas e de suas relações sociais, inspiravam-se no modelo da casa antiga ou do núcleo familiar (STEGEMANN/STEGEMANN, 2001, p. 316-317).

Evidente que, ao contrário das comunidades paulinas e dos Atos dos Apóstolos, o contexto social das comunidades da carta de Pedro é muito mais tenso e hostil. Isso leva os cristãos a aplicarem à própria comunidade o conceito de *casa/família* enquanto referencial de segurança e apoio. Mais precisamente, conforme o comentário da Edição Pastoral da Bíblia, “Pedro escreve, mostrando que a união entre eles, seja na família seja na comunidade, há de ser tão fraterna e acolhedora, que formem justos a ‘casa de Deus’”.

J. H. Eliot (1985), por sua vez, joga com as palavras gregas *paroikoi*, *parepidemoi* e *oikos*, respectivamente peregrinos, forasteiros e casa. A carta de Pedro, segundo ele, insiste em que a hospitalidade, o amor fraterno e a união entre os cristãos, estrangeiros e perseguidos, converter-se-á em *oikos* para os *paroikoi*, isto é, em casa para os que se encontram fora de casa e da pátria. Traços dessa identificação entre casa, comunidade e pátria encontram-se também na Carta aos Efésios:

Vocês, portanto, já não são estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus. Vocês pertencem ao edifício que tem como alicerce os apóstolos e profetas; e o próprio Jesus Cristo é a pedra principal dessa construção. Em Cristo, toda construção se ergue, bem ajustada, para formar um templo santo no Senhor. Em Cristo, vocês também são integrados nessa construção, para se tornarem morada de Deus, por meio do Espírito (BÍBLIA, Efésios, 2,19-22).

A esta altura, não custaria muito retomar alguns salmos do Antigo Testamento e ver aí a simbologia e espiritualidade da noção de casa. Com frequência a poesia de tais orações alude à “casa ou tenda de Javé” como sinônimo de refúgio, abrigo, segurança, fortaleza, rocha. Diante das intempéries da caminhada, “uma só coisa peço a Javé e só esta procuro: é habitar na casa de Javé todos os dias de minha vida, para gozar a doçura de Javé e contemplar o seu templo”, diz o salmista (BÍBLIA, Salmos, 27).

Por que os israelitas sonhavam com a “casa de Javé”? Talvez porque, sendo um povo peregrino, sempre a caminho, acabaram desenvolvendo e nutrindo o sonho de estabilidade numa casa segura. Tal segurança é transferida para o sagrado e transparece na espiritualidade dos salmos. A realidade dura do caminho

e da tenda leva a sonhar com o abrigo da casa. Afinal, como bem sabemos, os sonhos costumam expressar nossas carências mais profundas. Ocorre o mesmo com os poetas e cantores do samba: experimentando a realidade difícil dos barracos “pendurados no morro”, cantam com frequência o tema da moradia.

Seja como for, o que queremos sublinhar é a conceito de casa enquanto fortaleza. Lugar sólido onde podemos nos abrigar para recuperar as forças. Quem caminha precisa de um ponto de chegada, ainda que este se transforme em novo ponto de partida. Casa ou tenda, o peregrino necessita descansar, se quiser continuar a caminhada. A casa representa a certeza do pão sobre a mesa, dos amigos ao redor dela e do calor humano. Ou seja, a certeza de que, refeitas as energias, o caminho pode ser retomado.

6 CONSIDERAÇÃO FINAIS

A noção de casa/família contém, portanto, quatro dimensões indissociáveis: *lugar de segredos e intimidade*, onde as pessoas criam ou reforçam laços de família e se sentem em um lar de acolhida e proteção; *campo de resistência e mútuo apoio*, frente a todo tipo de hostilidades e tensões por parte dos inimigos, como também frente a curiosidade dos estranhos; *“ponto de abastecimento”* para a recuperação das forças, com vistas a prosseguir a caminhada; *horizonte de utopia e esperança*, na mística daqueles que, ainda a caminho, buscam e lutam pela construção da Terra Prometida, do Reino de Deus ou de outro mundo possível.

Não é necessário gastar mais palavras, nem precisamos de muito esforço, para dar-mo-nos conta da relevância desses elementos para o trabalho pastoral junto aos migrantes. São estes, de fato, os atuais *estrangeiros, peregrinos e forasteiros – paroikoi* – de que nos fala o autor da primeira carta de Pedro. Para eles é que a pastoral pode abrir “casas”, pontos de referência, para a defesa de seus direitos e para a luta por uma cidadania universal, como já lembrava o bispo J. B. Scalabrini há mais de um século: “para o migrante a pátria é a terra que lhe dá o pão”.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, A.. A saída é... ficar: O conflito dos cristãos com a sociedade segundo a primeira carta de Pedro. In: **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 15, Ed. Vozes,, 1987.

BÍBLIA. N. T. 1º Pedro. In. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamentos. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990, pp 1495-1501.

BÍBLIA. N. T. Efésios. In. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamentos. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990, pp 1432-1438.

BÍBLIA. N. T. Salmos. In. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamentos. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990, pp 637-792.

ELIOT, J. H. **Um lar para quem não tem casa**: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro. São Paulo: Paulinas, 1985.

NOGUEIRA, P. A. de S. **As Cartas de Pedro**: O Evangelho dos sem-teto. Série “Como lera a Bíblia”. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

STEGEMANN, E. W.; STEGEMANN, W. **Historia social del cristianismo primitivo**: Los inicios en el judaísmo y las comunidades cristianas en el mundo mediterráneo. Navarra: Ed. Verbo Divino, 2001 (as citações do texto têm tradução livre).

RESUMO

Um lar para quem não tem casa é o título conferido pelo comentário da Edição Pastoral da Bíblia, Paulus, à primeira carta de Pedro (1Pd). Segundo ele, a carta foi escrita “aos que vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (BÍBLIA, 1Pd, 1,1). Perguntemos, de início, quem é o autor da carta, quando foi escrita e quem são seus destinatários? A carta foi escrita por volta do ano 100 de nossa era, e dirigida aos “estrangeiros” que viviam nas comunidades da Ásia Menor, com a finalidade de prepará-los para um período de grandes provações e de perseguição. As características descritas na carta coincidem, em grande parte, com a situação concreta dos migrantes nos dias de hoje: a perda das raízes e das referências, a luta pela sobrevivência e por melhores condições de vida, a insegurança longe da própria terra e da pátria, os problemas enfrentados no dia a dia, o preconceito e discriminação de que são alvos fáceis. Em razão disso, escolhemos a primeira carta de Pedro para estudo. Esta carta nos fornece uma chave de leitura para entender a realidade atual das migrações e também nos aponta algumas pistas para a atuação pastoral.

Palavras-chave: 1ª Carta de Pedro; Pastoral dos Migrantes; Acolhida; Casa/comunidade.

ABSTRACT

A home for those who have no home is the title given by the commentary of the Pastoral Edition of the Bible, Paulus, to Pedro's first letter (1Pd). According to him, the letter was written “to those who live dispersed as foreigners in Ponto, Galatia, Cappadocia, Asia and Bitínia” (BÍBLIA, 1Pd, 1,1). Let us ask, at the outset, who is the author of the letter, when was it written and who are its recipients? The letter was written around the year 100 of our era, and addressed to the “foreigners” who lived in the communities of Asia Minor, with the purpose of preparing them for a period of great trials and persecution. The characteristics described in the letter largely coincide with the concrete situation of migrants today: the loss of roots and references, the struggle for survival and better living conditions, insecurity far from the land itself and from the motherland. , the problems faced on a daily basis, the prejudice and discrimination of which they are easy targets. As a result, we chose Pedro's first letter for study. This letter provides us with a reading key to understand the current reality of migration and also points us to some clues for pastoral action.

Keywords: 1st Letter from Pedro; Pastoral of Migrants; Welcome; House/community.